

Desmistificação e erotismo: a análise de Byung-Chul Han e Roland Barthes sobre a beleza e o sagrado na literatura contemporânea

Demystification and eroticism: Byung-Chul Han and Roland Barthes analysis on beauty and the sacred in contemporary literature

André Magalhães Coelho

<https://orcid.org/0000-0003-1143-1407> – E-mail: magalhaescoelho@gmail.com

RESUMO

Este artigo examina as reflexões dos filósofos Byung-Chul Han e Roland Barthes acerca da desmistificação na sociedade atual. A revelação do oculto diminui o erotismo, enquanto o ocultamento o valoriza. O estudo visa analisar a transformação da beleza e a perda do sagrado nas expressões literárias contemporâneas. A desmistificação transforma tudo em algo prazeroso e acessível, suavizando a beleza ao desvelar seu manto, reduzindo o erotismo e convertendo-o em simples apreciação ao invés de uma aura. O objetivo desta escrita é refletir sobre como o ocultamento também erotiza a redação; o sagrado, de forma intencional, encobre as “Escrituras Sagradas” com metáforas e figuras de linguagem, enquanto a revelação elimina os mistérios, a mística e a surpresa. Para este estudo, recorreremos às obras de Byung-Chul Han e Roland Barthes.

Palavras-chave: Desmistificação. Erotismo. Ocultamento.

ABSTRACT

This article examines the reflections of philosophers Byung-Chul Han and Roland Barthes on demystification in today's society. Revealing the hidden diminishes eroticism, while concealment

enhances it. The study aims to analyze the transformation of beauty and the loss of the sacred in contemporary literary expressions. Demystification transforms everything into something pleasurable and accessible, softening beauty by unveiling its cloak, reducing eroticism and converting it into simple appreciation rather than an aura. The aim of this writing is to reflect on how concealment also eroticizes writing; the sacred intentionally covers the “Holy Scriptures” with metaphors and figures of speech, while revelation eliminates mysteries, mysticism and surprise. For this study, we will draw on the works of Byung-Chul Han and Roland Barthes.

Keywords: Demystification. Eroticism. Concealment.

Introdução

Atualmente, somos movidos por um fervor quase contagioso na exibição de nossas imagens, corpos e criações. A imperativa da nossa era é clara: mostrar-se para ser visto e admirado.

O brilho do polido e a transparência do descoberto tornaram-se os selos distintivos da sociedade contemporânea, onde a superfície lisa e reluzente se ergue como um símbolo de uma realidade onde tudo está à disposição do toque e da contemplação.

Imagine o objeto liso e brilhante, resistente às adversidades que possam desafiá-lo, preferindo aplaudir-se em sua própria admiração. Nesse cenário, as manifestações abertas clamam por elogios e gritos de euforia, enquanto o que permanece oculto é frequentemente visto como desagradável. O olhar busca proximidade, anseia pela conexão; o distante não tem poder de atração. É no tato, o sentido que nos liga ao mundo, que encontramos a verdadeira desmistificação. Enquanto a vista nos mantém à distância, o toque dissolve barreiras, transformando o que é diferente em algo acessível e familiar.

A desmistificação torna tudo mais palatável e consumível. O tato destrói a negatividade do que é radicalmente distinto, secularizando tudo que toca. Ao contrário da vista, que pode gerar espanto, o tato é uma ponte que nos aproxima do objeto desejado. É nesse contexto que o ecrã tátil, o *touch screen*, emerge como um espaço de desmistificação e consumo total, moldando-se aos gostos de cada um.

Os *smartphones*, esses artefatos polidos que fazem nossos dedos deslizarem suavemente sobre as telas, se tornaram as vitrines do nosso cotidiano. Redes sociais como *Facebook* e *Instagram* são palcos onde todos se reúnem para expor seus corpos e ideias. O *like* é a aproximação com o objeto polido que atrai; a negatividade é um convidado indesejado nesse espaço virtual, onde apenas o positivo prospera em tempos de desnudez e transparência. O polido e liso não busca derrubar, mas sim agradar. Hoje, a beleza se torna mais sutil ao eliminar a negatividade e as emoções vulneráveis, reduzindo o belo à mera questão de gosto.

A comunicação visual, quando polida, se torna um contágio que transcende a distância estética. Contudo, a visibilidade excessiva do objeto também pode obliterar o olhar. É a dança rítmica entre presença e ausência, entre encobrimento e desvelamento, que mantém nossa curiosidade viva. Assim como no erótico, onde o aparecer e desaparecer se entrelaçam, a presença constante do visível pode sufocar nosso imaginário. O belo se junta ao tosco, ambos polidos e suavizados, transformando-se em meras fórmulas de consumo e prazer.

A linguagem se torna também polida, despojando a leitura de sua mística, fazendo com que os olhos saltem apressados sobre as palavras. Não é apenas o ritmo da leitura que traz prazer, mas o que se revela e o que permanece oculto; é nas fissuras do belo revestimento que encontramos o verdadeiro deleite.

Este texto propõe uma análise a partir das reflexões do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han e do francês Roland Barthes, explorando como o ocultamento pode erotizar a escrita. A intenção é investigar como o sagrado ofusca as “Escrituras Sagradas” por meio de metáforas e figuras de linguagem, revelando-se sem mistérios, místicas ou surpresas.

Num primeiro momento, abordaremos a sociedade positiva e seus desdobramentos; em seguida, examinaremos os efeitos de uma contemporaneidade marcada pelo polido e sua desmistificação. Por fim, nos aprofundaremos na erotização do texto sagrado e na hermenêutica do encobrimento, identificando como o ocultamento também pode erotizar a escrita, transformando as Escrituras Sagradas em metáforas que se tornam objetos de desejo e contemplação, e não meras informações textuais polidas. Hoje, estamos imersos em um entusiasmo vibrante por expor nossas imagens, corpos e ideias. O polido e o descoberto são, sem dúvida, as marcas indelévels que deixamos em nossa jornada.

Sociedade positiva

A positividade se tornou a marca registrada das sociedades contemporâneas, mas é importante lembrar que a negatividade, impregnada de violências, controle e coerção, não desapareceu. Ela apenas se escondeu nas sombras, operando em níveis subcutâneos, sub-comunicativos e neurais, assumindo a forma de uma microfísica insidiosa. Na transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, o superego se transforma, tornando-se uma voz interna que busca incessantemente a perfeição do eu-ideal.

Enquanto o superego é um tirano que impõe proibições e deveres, o eu-ideal surge como um sedutor, atraindo o sujeito de desempenho para um projeto de vida repleto de promessas de sucesso. Aqui, submissão e ambição se apresentam como dois modos de existência radicalmente diferentes (HAN, 2017b, p. 100).

Observamos que as mudanças provocadas por essas proibições geram emoções positivas, entrelaçando liberdade e controle de maneira complexa. No entanto, essa busca incessante pela positividade e pelo desempenho pleno ocupa todo o espaço da experiência humana, deixando pouco tempo para refletir sobre o tempo, com suas inquietações e acúmulos. Para Han (2017a, 29), a sociedade do desempenho, dominada por um poder que promete infinitas possibilidades, acaba por excluir o amor em sua forma mais vulnerável e apaixonada. O princípio do desempenho se infiltra em todos os aspectos da vida, incluindo amor e sexualidade.

Nesse cenário, tudo é otimizado, até mesmo o amor e a sexualidade, levando a um paradoxo: “atualmente, o lixo acaba sendo positivado” (HAN, 2017a, p. 224). As manifestações humanas, que deveriam refletir refinamento e sutileza, tornam-se superficiais, valorizando o distanciamento e o oculto. A sociedade positiva contemporânea se empenha em erradicar a negatividade da ferida, inclusive no que diz respeito ao amor. Qualquer intervenção que possa expor a vulnerabilidade é evitada; as energias libidinosas são dispersas entre múltiplos objetos, como investimentos de capital, a fim de evitar perdas totais. A percepção se torna uma questão de gosto, onde o prazer de ver se transforma em uma experiência diluída.

Entretanto, ver de forma autêntica implica em se expor à vulnerabilidade. A verdadeira visão requer sensibilidade, que é, por sua vez, uma forma de vulnerabilidade (HAN, 2019, p. 31). Na sociedade atual, as coisas se tornam transparentes ao eliminarem toda negatividade, tornando-se rasas e planas, ajustando-se ao fluxo superficial do capital, da comunicação e da informação. As ações se tornam operacionais e transparentes, passíveis de cálculo e controle.

O tempo, então, é aplainado em um presente sempre disponível, e o futuro se torna um produto otimizado desse presente. Essa transparência temporal resulta em uma experiência sem destino e desprovida de eventos significativos. As imagens, ao se despojarem de suas complexidades, tornam-se vulgares, reduzindo-se a um contato imediato entre a imagem e o olhar, sem qualquer profundidade hermenêutica.

Nesse mundo, a singularidade das coisas se dissolve em um único valor: o preço (HAN, 2017b, p. 8). A sociedade positiva, portanto, é dominada por uma transparência e uma obscenidade informacional que nivela o ser humano à condição de um mero elemento funcional em um sistema. É aqui que reside a violência da transparência.

Outro aspecto dessa comunidade positivada é o desaparecimento dos símbolos, resultado da atomização progressiva da coletividade. Paralelamente, a sociedade se torna cada vez mais narcisista. O processo de internalização narcisista gera uma animosidade em relação às formas objetivas, que são rejeitadas em favor de estados subjetivos. Rituais, que exigem um afastamento do eu, tornam-se inacessíveis à interioridade narcisista.

Aqueles que se entregam a rituais precisam esquecer de si mesmos, permitindo uma transcendência que os esvazia de suas psicologias e interioridades. As sensações e as experiências sociais, ao invés de promoverem um refinamento, refletem um mundo que valoriza o distanciamento e o oculto. A sociedade positiva atual se move entre informações, experiências e sensações, sem concluir nada.

As séries se tornaram populares porque se adequam ao hábito da percepção serial, sendo que o consumo de mídia leva a uma compulsão por assistir, resultando em excesso e visão bulímica. A compreensão serial, por seu caráter extenso, capta a totalidade da atenção, enquanto a interpretação simbólica se torna escassa. Assim, a comunicação digital se torna um fenômeno extensivo (HAN, 2021, p. 10).

O polido e o liso

A informação, muitas vezes, se apresenta como uma forma superficial de saber, um espetáculo sedutor que carece da profundidade e da interioridade que verdadeiramente o caracteriza. O conhecimento, por sua vez, traz consigo uma carga negativa: sua aquisição frequentemente exige um embate com resistências, um verdadeiro duelo contra as incertezas. O saber, então, se desdobra em uma estrutura temporal singular, navegando por uma tensão constante entre o passado e o futuro, enquanto a informação reside em um presente fluido e indefinido, um espaço desprovido de eventos ou destinos.

Neste cenário, o refinamento se torna um prazer sutil, algo que se aprecia sem a necessidade de confrontar a negatividade do oposto. A comunicação, em nossos dias, se torna cada vez mais lisa e polida, como um rio que flui sem obstáculos, suavizando-se através de trocas informativas que não conhecem a fricção. Essa comunicação elegante parece eliminar toda a negatividade do diferente, alcançando uma velocidade máxima quando se estabelece entre iguais, onde a positividade do polido acelera os circuitos da informação, da comunicação e do capital.

Entretanto, o corpo humano se encontra em uma crise profunda. Ele se desintegra não só em partes corporais, mas também em vastas séries de dados digitais. A fé na mensurabilidade e na quantificação da vida se tornou a norma da era digital.

Como nos lembra Han (2019), a tecnologia digital transforma nosso corpo em uma rede interconectada. O automóvel autônomo, por exemplo, não é apenas um veículo que nos transporta, mas um terminal móvel de informações ao qual estamos constantemente conectados. Conduzir um carro se torna, assim, um ato puramente transacional.

A velocidade, então, se dissocia do imaginário. O automóvel, que antes era uma extensão do corpo e um símbolo de poder, posse e apropriação, agora se transforma. O carro que se auto-conduz não é mais um falo, aquele símbolo de controle e domínio; ao contrário, ele se torna uma contradição. A partilha de veículos, o *car-sharing*, não apenas desencanta o automóvel, mas também dessacraliza o corpo humano. O princípio do “compartilhar” não se aplica ao falo, que representa a apropriação e o poder supremo. As categorias econômicas de “conexão” e “acesso” desmantelam a fantasia de controle e posse. Assim, no automóvel autônomo, deixamos de ser protagonistas, demiurgos ou dramaturgos, e nos tornamos meras interfaces na vasta rede de comunicação global.

Han (2019) faz uma distinção intrigante entre o atraente natural e o atraente polido. Para ele, o objeto encantador é aquele que se oferece ao sujeito, permitindo uma relação de liberdade. Enfrentar resistências é um desafio inerente ao conhecimento, que também se desdobra em uma estrutura temporal distinta, entrelaçando passado e futuro. Em contrapartida, a informação se aninha em um presente suave e indeterminado, um tempo sem eventos marcantes. O sofisticado, então, é algo que se aprecia, despido da negatividade do oposto, e que já não se apresenta como uma entidade em conflito.

A comunicação contemporânea, portanto, se torna uma superfície polida, onde as interações se tornam amenas e desprovidas de atritos. Diante de um artefato, o sujeito não é verdadeiramente livre se permanece subjugado a ele ou tenta dominá-lo em busca de seus próprios interesses, encontrando, nesse esforço, a resistência do próprio objeto. O belo, por sua vez, não se restringe a um produto acabado, mas brilha como a verdade que resplandece, transcendendo a complacência desinteressada e convidando-nos a uma apreciação mais profunda e significativa do saber.

Desmistificação e erotismo no texto

No vasto universo das letras, o texto emerge como uma entidade quase humana, um anagrama da nossa própria silhueta erótica. Ele não é mera gramática, um simples feno-conteúdo; é um deleite que transcende a necessidade física, assim como a essência do corpo se revela para além do seu impulso primário. O verdadeiro prazer da leitura se dá quando meu corpo, esse organismo inquieto, se permite seguir por caminhos que não necessariamente se entrelaçam com as minhas ideias.

Como posso experimentar alegria em narrativas que, à primeira vista, podem parecer entediadas? Como um espectador em um teatro de sonhos, sou chamado a ajustar minha perspectiva. Deixo de ser apenas um crítico de um único meio e me transformo em um *voyeur*, observando secretamente o prazer alheio, adentrando um universo de perversões. Nesse novo papel, a crítica se metamorfoseia em texto, em ficção, revelando-se como um invólucro frágil e intrigante aos meus olhos.

A perversidade do escritor, seu prazer em criar, não tem função definida; é uma dança de desejos que se desdobra em múltiplas camadas de prazer entre o crítico e o leitor, em uma espiral que parece se estender infinitamente. Um texto que aborda o contentamento deve ser sucinto, pois sua essência reside na reivindicação do direito ao deleite. Ele se movimenta em um jogo dialético, alternando entre afirmações e contestações.

Contudo, falta algo – um terceiro elemento que vá além do prazer e da sua censura. Este fator é adiado, como se estivesse sempre à espreita, e enquanto nos agarramos à ideia de prazer, todo texto sobre regozijo se torna uma procrastinação, uma introdução ao que nunca se concre-

tizará. As obras da arte contemporânea, por exemplo, ecoam essa efemeridade; ao serem vistas, revelam seu objetivo destrutivo, não oferecendo mais do que uma breve contemplação.

O prazer que reside nas palavras não precisa ser uma celebração triunfante ou heroica. Ele pode se manifestar em uma simples deriva, uma flutuação leve na imensidão do texto. Não se trata do *strip-tease* do corpo ou do suspense narrativo, onde cada revelação é um passo em direção ao clímax. A verdadeira excitação se encontra na expectativa do desconhecido – o sonho juvenil do amor ou a conclusão de uma trama romanesca.

Paradoxalmente, esse prazer é um consumo em massa, mas se revela mais intelectual do que a simples curiosidade edípica de desvendar a verdade. Cada história, cada descoberta, simboliza a figura do Pai ausente, oculto, um mistério que nos conecta às estruturas familiares e às restrições da nudez, como ilustra o mito de Noé e seus filhos.

Barthes nos lembra que o encobrimento é um elemento vital do erótico. O lugar mais sedutor de um corpo é aquele onde as roupas se encontram, onde a pele brilha entre costuras e bordas. A sedução é, assim, uma encenação do aparecer e do desaparecer, onde a fissura, a ruptura e o vazio se tornam irresistíveis. O prazer erótico, ao contrário do desnudar físico, não é uma revelação progressiva, mas uma dança de mistério.

Um romance com uma única trama que busca uma verdade absoluta cai na armadilha da pornografia. A excitação que dele se origina se refugia na esperança de ver o que está escondido, seja o desejo do corpo ou a satisfação da narrativa. O erótico, por sua vez, flui livre de verdades absolutas, um fenômeno envolto em véus de sedução, brincando com a percepção do que permanece oculto.

Ao transitar entre sedução, amor e pura pornografia, nos deparamos com a diminuição dos segredos, a redução dos enigmas. Avançamos em direção à confissão, ao desvelamento – não apenas do corpo, mas da alma. A pornografia anímica se torna o epílogo da sedução, onde o jogo se transforma em uma expressão explícita da verdade.

O texto, em sua essência, é um objeto fetiche que me deseja. Ele me escolheu através de critérios invisíveis, como um vocabulário que ressoa com a minha alma. Permeado pela presença do autor, o texto carrega consigo a sombra de quem o criou, mesmo quando essa figura parece ter desaparecido. O escritor, enquanto instituição, já não exerce controle sobre sua obra; seu papel de pai literário se desvaneceu.

Ainda assim, anseio pela presença autêntica do criador em suas palavras. Desejo uma conexão genuína, não apenas uma imagem ou representação. Assim como ele precisa de mim, eu busco sua essência nas páginas que leio.

O texto é um portal que produz imaginação, uma faculdade que compila imagens sensoriais em uma unidade harmoniosa. Quando diante do belo, nossas capacidades cognitivas se entrelaçam em um jogo livre, onde a contemplação se torna um prelúdio ao conhecimento. O belo, então, não é apenas agradável; é a harmonia que estimula nossa imaginação, um convite ao deleite. Diante da beleza, as faculdades cognitivas dançam em um compasso lúdico. Esse jogo, embora não totalmente livre, é um prelúdio ao conhecimento, um momento de pausa antes da interpretação.

A beleza convoca uma leitura contemplativa, uma experiência que precede o trabalho. Assim, o belo se torna um prazer, uma celebração da harmonia das capacidades intelectuais que se encontram nas palavras, formando uma sinfonia de sensações e pensamentos.

Alguns querem um texto (uma arte, uma pintura) sem sombra, cortada da ideologia dominante; mas é querer um texto sem fecundidade, sem produtividade, um texto estéril (vejam o mito da Mulher sem Sombra). O texto tem necessidade de sua sombra: essa sombra é *um pouco de ideologia, um pouco de representação, um pouco de sujeito*:

fantasmas, bolsos, rastros, nuvens necessárias; a subversão deve produzir seu próprio claro-escuro (BARTHES, 1987, p. 26 grifo do autor).

Para Roland Barthes, a beleza é como uma joia rara, escondida nas sombras das palavras, revelando-se apenas a quem tiver a paciência de olhar além da superfície. A formosura, guardada em mistérios e segredos, não pode ser exposta em toda a sua plenitude, pois o que está oculto reflete uma essência que se perde na luz do desvelamento. Assim, a beleza, em sua nudez, se transforma em algo mais sutil: o sublime, que transcende a mera estética e nos transporta para um plano onde o espírito do criador se revela.

A nudez, longe de ser uma exibição vulgar, é uma celebração do esplendor divino. O sublime não se limita a formas ou contornos; ele é uma presença que se despede das amarras da representação, atingindo um estado onde não é necessário o mistério para existir. Em sua essência mais pura, a nudez não é um convite à lascívia, mas uma evocação do que há de mais sublime na criação.

Na rica tradição cristã, essa nudez se entrelaça com o significado teológico, onde o oculto e o revelado dançam em uma sinfonia de graça e perda. O que é coberto mantém sua integridade sob o véu, enquanto o que é desvelado corre o risco de se perder em sua própria exposição. Assim, a nudez se transforma em um símbolo da perda da graça, um eco da fragilidade humana.

Nos dias de hoje, vivemos em um mundo saturado de informações, onde o que está escondido se dissolve em um mar de dados. Essa avalanche informativa nos afasta da verdadeira proximidade, eliminando o mistério que outrora envolvia nossas interações. A aura, aquela sensação mágica que nos conecta ao que é distante, se desmancha sob o peso do conhecimento imediato.

O rastro que uma obra deixa é uma lembrança de um tempo e um espaço que, mesmo distantes, nos convidam à contemplação. A narrativa, impregnada de uma beleza quase poética, se torna escassa em nossas vidas apressadas. O espírito da história, essencialmente ligado ao mistério e à magia, está sendo sufocado pelo dilúvio de informações que inundam nosso cotidiano.

A arte de contar histórias, que deveria ser uma dádiva, é eclipsada por uma avalanche de dados que nos apresenta um mundo pronto, mas sem alma.

Assim, somos constantemente bombardeados por notícias que nos chegam com explicações prontas, mas onde estão as histórias que nos surpreendem? O que acontece ao nosso redor raramente se presta à narrativa; ao contrário, tudo parece servir a uma lógica informativa que nos afasta da profundidade da experiência humana. Em meio a esse turbilhão, a narrativa se torna um tesouro raro, um chamado à redescoberta do mistério que, mesmo em tempos de transparência, ainda pode iluminar nosso caminho.

Basta com efeito que o cinema tome de *muito perto* o som da fala (é em suma a definição generalizada do grão da escritura) e faça ouvir na sua materialidade, na sua sensualidade, a respiração, o embrechamento, a polpa dos lábios, toda uma presença do focinho humano (que a voz, que a escritura sejam frescas, flexíveis, lubrificadas, finamente granulosas e vibrantes como o focinho de um animal), para que consiga deportar o significado para muito longe e jogar, por assim dizer, o corpo anônimo do ator em minha orelha: isso granula, isso acaricia, isso raspa, isso corta: isso frui (BARTHES, 1987, p. 52).

Para Roland Barthes, o erotismo desempenha um papel fundamental na arte do encobrimento, que por sua vez, jazzifica o texto. À luz da reflexão de Santo Agostinho, percebemos que Deus, em sua sabedoria, envolveu as “Sagradas Escrituras” em um véu de metáforas e figuras,

transformando-as em objetos de desejo e mistério. Esse elegante manto de metáforas não apenas adorna, mas também erotiza as Escrituras, como bem destaca Agostinho (1999, p. 84).

Assim, o revestimento se torna não apenas essencial para o entendimento das Escrituras, mas também para a apreciação do belo. A técnica do encobrimento transforma a hermenêutica em uma experiência erótica, elevando o prazer da leitura a um ato de amor. A Torá, por exemplo, utiliza essa mesma técnica de ocultação (HAN, 2019, p. 29).

A Torá é como uma amante enigmática que, em um momento fugaz, revela seu rosto ao amante que permanece oculto. Essa leitura se transforma em uma verdadeira aventura: uma palavra se destaca, brilha, e logo se esconde novamente, um jogo de esconde-esconde que apenas aqueles que a conhecem profundamente conseguem decifrar.

Ela é uma beleza galante, escondida em sua câmara secreta, com um único amado que permanece em anonimato, vagando ao redor de sua casa em busca do olhar da amada. Ele sabe que ela observa sua incessante busca, e, em um gesto sutil, abre uma pequena fresta, permitindo que seu rosto seja vislumbrado antes de se ocultar novamente (HAN, 2019).

A Torá é, portanto, “patente e oculta”, falando através de um delicado véu de palavras alegóricas. Ela confessa a seu amado todos os seus segredos e os caminhos guardados em seu coração desde tempos imemoriais. Contudo, as informações que compartilha não se escondem; elas são, por sua essência, transparentes e propensas ao desvelamento, buscando a verdade última. Nesse sentido, são quase pornográficas (HAN, 2019).

A beleza, por sua vez, é um labirinto de ocultação. O ato de esconder é essencial ao que consideramos belo. A formosura se choca com a transparência, pois a beleza, em sua essência, é uma aparência que carrega uma opacidade intrínseca. O desvelamento, por sua vez, tem o poder de desencantar e destruir essa beleza. É por isso que o belo, em sua essência, pode ser indesejável.

A pornografia, ao contrário, expõe a nudez sem mistérios ou disfarces, sendo o oposto da beleza. Seu espaço ideal é o expositor: uma fotografia erótica é um objeto único, despojado de qualquer distração que possa desviar o olhar. O belo, por sua natureza, vacila ao se manifestar. A distração é uma proteção contra o contato direto, enquanto a pornografia avança sem hesitar, indo direto ao ponto (HAN, 2019, p. 26).

Karl Barth, o teólogo protestante, ao discutir a manifestação do sagrado, argumenta que a revelação é um conceito que transcende as realidades religiosas, um limite da verdade que desafia a compreensão. Ele enfatiza que tentar extrair conhecimento das “Escrituras Sagradas” sem considerar a profundidade da contemplação e da revelação pode levar a interpretações distorcidas.

O que está oculto não se revela através da transparência, mas sim por meio de uma hermenêutica que joga com o encobrimento (BARTH, 2011, p. 32).

Roland Barthes, a respeito da ciência, nos lembra que o texto possui múltiplas camadas, e a ciência se debruça sobre um texto que é apenas uma das suas facetas. Barthes vê o erotismo como um elemento crucial que dá vida ao disfarce que torna o texto ainda mais sedutor. Assim como Santo Agostinho nos ensina, Deus, de maneira intencional, envolve as “Sagradas Escrituras” em metáforas e mistérios, transformando-as em objetos de desejo. Esse belo emaranhado de metáforas não só adorna, mas também dá vida às Escrituras. O encobrimento, portanto, é tão vital para a interpretação das Escrituras quanto para a apreciação do belo, transformando a hermenêutica em uma dança de nuances e distanciamento (BARTHES, 1987, p. 15).

Considerações finais

Neste artigo, nos aventuramos nas reflexões instigantes de Byung-Chul Han e Roland Barthes para explorar a face brilhante de nossa sociedade positiva, em que tudo se transforma em mero objeto de consumo. Em meio ao polido e ao superficial, a negatividade se dissolve, eclipsada pela urgência de mostrar e performar. A *internet*, esse vasto palco digital, tornou-se um espaço de exibição onde cada indivíduo busca interagir com uma miríade de conteúdos, imagens e expressões, moldando sua identidade em um espetáculo constante.

Nesta era da aparência, o que importa é a superfície impecável, a beleza desprovida de segredos e mistérios. O revestimento artificial que nos envolve sempre brilha, transmitindo apenas uma sensação prazerosa, mas desprovida de sentido ou profundidade. Diante disso, percebemos que a sociedade positiva não apenas transforma a escrita em produção acelerada, mas também reduz a nudez à pornografia: uma exposição sem véus, onde o segredo que permeia as letras é ignorado.

Contrapõe-se a isso o texto sagrado, cuja beleza reside no mistério que só se revela por meio do conhecimento do véu que o oculta. É ao véu que devemos retornar para nos conscientizarmos do que está velado. A transparência da informação, ao deixar tudo exposto, revela-se como uma forma pornográfica de conhecimento. Em contraste, a verdadeira informação reside em um tempo suavizado, emanando de pontos indistintos do presente, um tempo que carece de eventos significativos.

O agradável se torna um mero objeto de apreciação, isento da negatividade que caracteriza o oposto. Assim, a comunicação contemporânea se torna lisa, suavizando-se em uma troca desprovida de fricções. Essa comunicação polida elimina a negatividade do diferente e do estranho, e o excesso de informação, com seu afastamento velado, obliteram tanto a proximidade quanto a distância.

O que permanece oculto mantém sua essência sob o manto do ocultamento. O desvelamento, por sua vez, instiga uma interação entre a intimidade e a distância, gerando uma aura que, mesmo distante, evoca um sentido de vizinhança. A aura se torna narrativa, impregnada pela distância, enquanto a informação, ao despojar o mundo de seu encantamento, o torna meramente disponível. O rastro que aponta para a distância é rico em alusões, seduzindo-nos para a narração.

A crise narrativa que permeia a modernidade é, em grande parte, consequência da inundação de informações. O espírito da narração, antes vibrante, é sufocado pelo dilúvio de dados que nos rodeia. A arte de contar histórias se torna rara, enquanto a disseminação de informações se impõe como a causa principal desse declínio. Informações reprimem acontecimentos que não se prestam a explicações, mas que clamam por narrações, frequentemente adornadas por mistério e milagre.

A interação atinge sua velocidade máxima quando a mesma mensagem refinada se torna idêntica, e a positividade do polido acelera os circuitos da informação, comunicação e capital.

O véu, portanto, revela-se mais essencial do que o objeto que oculta. Observamos que o texto permite que uma palavra surja antes de se ocultar novamente, revelando-se a quem possui a habilidade de decifrá-la, mesmo que, por vezes, se esconda.

A “Escritura Sagrada” assemelha-se a uma amada encantadora que, ao mesmo tempo que se revela, também se oculta, criando um jogo fascinante entre presença e ausência.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões. De magistro*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- BARTH, Karl. *Revelação de Deus: como sublimação da Religião*. Trad. Dorival Alves de Oliveira. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- HAN, Byung-Chul. *A salvação do belo*. Trad. Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019.
- HAN, Byung-Chul. *O desaparecimento dos rituais. Uma topologia do presente*. Trad. Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017b.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017a.

Sobre o autor

André Magalhães Coelho

Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Pós-doutorando pela mesma instituição (UMESP).

Recebido em: 11/07/2024

Received in: 07/11/2024

Aprovado em: 24/11/2024

Approved in: 11/24/2024